

ESTUDOS SOBRE GRAMATICALIZAÇÃO – OBJETOS, MÉTODOS E PROBLEMAS

Maria Célia Lima-Hernandes (USP/FAPESP)*

Apresentação

O objetivo deste texto¹ é apresentar informações sobre as pesquisas desenvolvidas durante o biênio 2007-2008 no grupo de pesquisa (USP/CNPq) *Mudança Gramatical do Português*, bem como os resultados alcançados.

Durante os desenvolvimentos dos trabalhos, o grupo integrado por aproximadamente quinze pesquisadores em níveis variados de treinamento priorizou questões centralizadas no processo de gramaticalização e, a despeito de assumir um método padronizado de investigação, deparou-se com problemas bastante diversos que demandam encaminhamentos peculiares. Com base nessa experiência acumulada, tratarei neste texto dos objetos, métodos e problemas com que eu e meu grupo nos deparamos nos últimos dois anos até este ano de 2008.

O objetivo principal de minha visita ao Grupo de Estudos Discurso & Gramática, importante núcleo de pesquisas funcionalistas, torna-se, assim, coerente com a proposta deste XIII Seminário, discutir convergências e divergências decorrentes dos resultados de pesquisas em lingüística funcional sobre gramaticalização.

Objetos, métodos e problemas nos estudos sobre gramaticalização

Iniciamos nossas pesquisas sobre gramaticalização no segundo semestre de 2005 e já tomamos como objeto primário as categorias cognitivas apresentadas em Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), além do exercício contínuo de checagem dos meios de medição da gramaticalização propostos por Hopper (1991), os quais também suscitam problemas de que, por questão de um recorte temático, não tratarei nesta apresentação.

Nosso objetivo era contribuir com as discussões que cresciam em nossa universidade sobre a unidirecionalidade, parcialmente demandada pelos pressupostos da Teoria Multissistêmica, idealizada por Castilho (2006), em suas várias reformulações. Queríamos entender o encaminhamento dado pelo pesquisador e no que exatamente diferia do modelo clássico da gramaticalização. Também pretendíamos aplicar ambos os modelos na análise de dados variados a fim de formar nossa opinião sobre a validade do princípio-mestre da gramaticalização: a direção da mudança.

Estudados ambos os textos, dialogando com autores de ambas as correntes de análise, passamos a nos perguntar o seguinte:

Sobre a unidirecionalidade:

- a) a que tipo de categoria se refeririam os autores em ambos os modelos?
- b) o rótulo *unidirecionalidade* teria o mesmo significado em ambos os modelos ou seriam homônimos?

* Grupo de Pesquisa *Mudança Gramatical do Português* e Projeto Fapesp “Rotas de Gramaticalização no Português do Brasil: estruturas X-que no Português culto” (2006/01221-7).

¹ Agradeço à Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira (UFF) pela leitura criteriosa deste texto e pelos comentários que enriqueceram esta versão publicada. Todas as falhas e controvérsias que persistem continuam de minha responsabilidade.

Sobre categorias cognitivas:

- a) que modelo teórico daria sustentação à organização das categorias cognitivas, como a concebemos no modelo clássico?
- b) se um item/estrutura ganha em abstratização poderíamos já afirmar que estaria ali instaurado o processo de gramaticalização?
- c) por que categorias seriam elididas de uma sequência sintática durante o processo de gramaticalização?

Sobre as formas de medição em graus:

- a) seria o modelo de Hopper adequado para medir o grau de gramaticalização de itens e estruturas?
- b) Hopper propõe princípios ou estágios de gramaticalização?

Não será necessário afirmar que nossas hipóteses eram totalmente norteadas pelas nossas leituras clássicas em gramaticalização. Assim, inicialmente notamos a tendência em criar hipóteses em que havia a ratificação dos achados de estudos feitos por autores que compartilhavam a visão clássica da mudança gramatical. De modo similar, considero totalmente desnecessário elencar aqui as respostas supostas para as questões apresentadas e já passo diretamente à apresentação dos trabalhos desenvolvidos e das novas perguntas e respostas a que o grupo foi conduzido após essa fase inicial de investigações.

Sobre o método desenvolvido para os estudos e análises, devo afirmar que surgiram especialmente de minha experiência com acertos e principalmente erros e dúvidas derivados de encaminhamentos práticos durante meu doutoramento (Lima-Hernandes, 2005). Assim, muitos dos caminhos que renderam frutos ao grupo foram resultantes dos vários colóquios que mantive com minha orientadora, Maria Luiza Braga, e com a banca examinadora (Maria Conceição Paiva e Anthony Naro) em dois momentos de interação mais intensa.

Todo indivíduo que inicia seu estudo no grupo recebe a incumbência de analisar um fenômeno ainda em pendência a partir de amostras de língua escrita e falada colecionadas pelo Projeto Caipira (Projeto História do Português Paulista), em que coordeno um subprojeto relativo ao português culto que recobre o período do início do século XX ao XXI. Assim ocorreu com Sartin (2008), ao estudar as estruturas *para + infinitivo* e a interferência da normatividade no ensino básico (vide exemplos 1 a 3), com Bernardo (2008) ao evidenciar que o contexto de uso pode fazer a diferença entre verbo serial e serialização verbal (vide exemplos 4 a 7), com Defendi (2008) ao estudar os processos de reduplicação no português culto e reconhecer que alguns casos caminham para a gramaticalização enquanto outros revelam-se estratégias conversacionais (vide exemplos 8 a 10), com Spaziani (2008) ao investigar a trajetória de mudança do advérbio *fora* (vide exemplos 11 a 14) e com Barroso (2008) ao reconhecer a correlação existente entre gramaticalização e gêneros discursivos (vide exemplos 15 e 16).

(1) e fora uma fase toda crítica que atravessou o teatro né?...sem subsídios...não haviam subsídios **para auxiliar**.(INF 70)

(2) ... existem espetáculos de sexo...**para o público discutir**.(INF 70)

(3) essas companhias de ônibus desses ônibus fumacentos né?...não há controle...os americanos já estão bem mais à frente né? **Para você ver** a moto aí...ela não faz barulho por quê? Tem uma linha americana que impõe setenta e cinco...decibéis... (INF-442).

(4) Não aconteceu nada, não! **Vim** aqui avisar para ir buscar ela no hospital. (PEUL -J 06)

(5) ...único possível nas atuais circunstâncias mas também o preferido por mim...eu realmente... talvez pela circunstância em que viajo... **venha a preferir** o avião sobre outro meio... (NURC, D2 - inquérito 255, inf. 303)

(6) O que se passa na cabeça de uma menina dessa depois de heras na praia, ela nem conhecia, ela ficou dando mole, aí **veio conversou**, ela tinha um filho, aí deixou com uma dona que parecia ser mãe dela, aí foi numa boa. (PEUL/R-10)

(7) Aí eu corri, não é? Ele **veio... correu** atrás de mim. (PEUL/C-33)

(8) tenho se bem que eu acho que eu conheço pouco a cidade né?... por exemplo se eu for **comparar com...** (D2-343:7)

(9) conforme o caminho que ele faz ele.... passaria em cima de PRÉdio... tanto que houve aquela... **blá blá blá** aí de:... desapropria ali o colégio:... ah:: não (D2-343:417)

(10) eu acho que ele falava **tanto tanto tanto** e eu o admirava muito (D2-360: 1519)

(11) F: [Acho que aqui **fora** é melhor prá se trabalha] do que funcionário público, funcionário público tem que manda. Veja bem meu caso na área de educação (Peul- r-9)

(12) As motivações externas baseiam-se na relação entre a coisa significada e a forma significante **fora** do sistema lingüístico. (ANJOS, E D - Dissertação p-190)

(13) Rogério responde para naninha: Não tive um pior momento, não tive um conflito. Acho que este horário meio doido, dormir tarde, almoçar tarde, deu uma alterada. Mas **fora** isso, não tive nada de ruim (<http://videochat.globo.com/GVC/arquivo/O..GO6244-3362.00.html>)

(14) bebemos as mesmas bebidas, rimos das mesmas piadas. Esta será a minha única turnê no ano”, diz o simpático inglês. “Decidi tocar porque amo o Brasil e os brasileiros. Eles parecem gostar de mim, também. **Fora que** o tempo na Inglaterra nesse período do ano é horrível”, justifica, gargalhando.”² (<http://txt.jt.com.br/editorias/2007/01/26/var-1.94.12.20070126.1.1.xml>)

(15) Marcinho continua pensando na vida, na mãe que a esta hora já está levantando para ir **buscar o pão** que será dividido entre os quatro irmãos, todos mais novos do que ele. (CARLINHOS, 2006 In: www.autores.com.br)

(16) Movido, então, pela solidariedade crítica, **busca promover**, de modo responsável, a beneficência, a justiça e a igualdade, tendo como consequência a construção da cidadania. (PENTEADO et alli, 2005 In: Revista Bioética vol.13 nº01)

Reportando-me à análise de Sartin (2008), a despeito de se esperar que a estrutura *para+infinitivo* codifique finalidade, nem sempre esse é o uso real. No exemplo (1), a oração *para auxiliar* de fato implica finalidade. Em (2), não se pode afirmar que a finalidade da existência de espetáculos de sexo é a discussão do público. Em (3), a oração *para você ver* encabeçando a sentença, ganha proeminência no âmbito discursivo-conversacional, funcionando como um marcador conversacional.

Fazendo referência ao trabalho de Bernardo (2008), o verbo *vir*, em (4), mantém-se como um verbo pleno seguido de seu locativo, contudo o mesmo não se pode dizer do exemplo (5), em que esse verbo atua como um verbo quase-auxiliar, compondo uma locução verbal. Em (6), sinaliza um verbo quase-serial, pois, embora as ações sejam formalmente

² O exemplo foi colhido do Jornal da Tarde, pois não foram encontrados exemplos no corpus do PEUL que se encaixassem na definição exposta (<http://txt.jt.com.br/editorias/2007/01/26/var-1.94.12.20070126.1.1.xml>)

serializadas, V1 ainda se mantém semanticamente atuante, havendo de fato um deslocamento espacial do sujeito. Comparando com (7), em que temos um caso de verbo serial, o deslocamento espacial se dá por conta de V2, e V1 sinaliza apenas uma tomada de decisão.

Deslocando para o centro de observação o trabalho de Defendi (2008), notamos que reduplicação pode ser explicável por gramaticalização, como em (8), com a repetição da preposição *com* no verbo e na posição regencial, embora possa ser explicada por lexicalização em outros casos, como em (9). As estratégias para emprego da reduplicação (ou redobro) em português também atingem o âmbito discursivo-conversacional, se tomarmos como exemplo (10), em que há uma intensificação expressa.

Spaziani (2008) ratifica o percurso de gramaticalização apresentado em Martelotta & Silva (2006): espaço > tempo > texto. Nesse sentido, ratifica o que dizem os autores acerca da função de orientação argumentativa gerada em enunciados que apresentam usos como esses codificados. É o que demonstra com a passagem do item *fora* de advérbio (exemplo 11) a preposição (12) e, depois, a marcador discursivo-conversacional, como no exemplo (13) e a operador que sinaliza que um argumento irrefutável será apresentado (exemplo 14).

No trabalho de Barroso (2008), revela-se a às vezes inextrincável ligação entre gramaticalização e gêneros discursivos. Demonstra, então, que o verbo *buscar* pleno vincula-se freqüencialmente a gêneros textuais que impliquem textos tipificados como narrativos (exemplo 15), enquanto esse mesmo verbo num padrão de uso quase-auxiliar (ou auxiliar semântico) vincula-se a gêneros textuais acadêmicos, que incluem textos de tipo argumentativo (exemplo 16).

A passagem pela pesquisa etimológica e lexicográfica em dicionários de épocas distintas é uma etapa fundamental para que o treinando perceba os deslizamentos funcionais e faça exercícios de reconhecimento de traços persistentes. Simultaneamente, inicia-se a coleta de dados nas amostras e a descrição funcional para um exercício futuro de agrupamento em padrões funcionais. Posteriormente, vem o momento de exercício de análise de dados, via aplicação das categorias cognitivas e depois a aplicação dos “estágios” de Hopper (1991). A partir desse momento, o trabalho assume sua especificidade assegurada pelas perguntas nascidas dos questionamentos do próprio analista. Uma vez por ano, temos um encontro em que cada integrante apresenta seu trabalho a algum professor convidado e ouve perguntas e críticas, as quais se convertem invariavelmente em sugestões de encaminhamento. Essa é a dinâmica do Grupo.

Os desenvolvimentos nem sempre são tranquilos. Além dos embates episódicos com formalistas, é comum em início de trabalho surgirem dificuldades de interpretação teórica, mas há casos em que algumas dessas dúvidas traduzem-se numa grande descoberta, como a identificação de um novo método de análise, a intuição sobre a necessidade de uma nova interface ou mesmo o reconhecimento de um problema no modelo teórico. Nesse último caso, a tendência do analista é repetir o percurso solitário de análise, crendo que o resultado deva ser o inicialmente esperado e não o que se apresenta em sua análise. Ganhando convicção, crescem-lhe asas, e autonomia.

Lidar com as intenções³ e efeitos a partir de materiais lingüísticos tem sido uma busca cada vez mais intensa dentro do grupo. Se pensarmos que as intenções, quando codificadas lingüisticamente, assumem uma forma elaborada e compartilhada historicamente para aquela

³ Labov (2001), lidando com o processo social de mudança lingüística fônica, parte do princípio de que o entendimento da estrutura lingüística passa pela compreensão da situação comunicativa à luz das intenções dos interlocutores: “an understanding of linguistic structure and behavior requires a prior understanding of the intentions of the speaker. (p.xv)

finalidade, então mais relevante ainda torna-se a interface com gêneros discursivos para compreender a mudança lingüística. Para Bakhtin (2003:268):

Os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

Conforme já evidenciado em Barroso (2008) com o estudo sobre o verbo *buscar*, muitas vezes um padrão funcional de um item/estrutura se especializa em formas textuais fixas⁴. É na tentativa de lidar com essa questão que temos, desde 2007, constituído amostras de língua falada e escrita em situações de usos diversas: a) amostra Pinel (século XX)⁵; b) amostra Fidelino de Figueiredo (século XX)⁶; c) amostra de concursos acadêmicos (século XX)⁷; d) amostras DEOPS⁸; e) amostra de língua falada culta (século XXI)⁹.

Refinando as discussões teóricas

Se se considerar a mudança como um processo, conseqüentemente se reconhecerá a direcionalidade desse mesmo processo. A maioria das teorias assente que existe uma direção a ser desvendada por meio de análises, podendo ser unidirecional ou polidirecional, ambas implicando algum tipo de derivação gênica (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991; HARRIS & CAMPBELL, 1995; BYBEE, PERKINS E PAGLIUCA, 1994; HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Dos modelos com que tive contato, somente um parecia rejeitar a derivação. Tratava-se da Teoria Multissistêmica (CASTILHO, 2006).

Assumindo-se *processo* como a sucessão de estados intermediários na passagem entre dois estados de língua, em seu desenvolvimento pode-se reconhecer a deflagração por meio de mecanismos e de estágios pertinentes ao recorte que se estabelece. Pode-se trabalhar, segundo Castilho (2006) com a língua-processo (visa aos movimentos pré-verbais) ou com a língua-produto (toma a codificação sintática como pista para entender a língua-processo).

Pode-se trabalhar com a gramaticalização como um *paradigma*. O pesquisador persegue um esquema único, e deixa-se guiar pelo comportamento de outros elementos que pertencem à mesma categoria geral (a de verbos auxiliares), visando a generalizações. Seu ponto de apoio para o julgamento é, invariavelmente, sua intuição de falante/usuário da língua. Ilustra bem esse raciocínio um estudo sobre o verbo *querer*, por exemplo, em que o analista não perde de vista o que já se sabe sobre o percurso desenvolvido, por exemplo, pelo verbo *haver*. Ter um paradigma do que é gramaticalização em um percurso mais completo (tal como ocorre

⁴ Esse seria um contra-argumento para que tratássemos de intenções. Alerta a Profa. Mariângela Rios de Oliveira (UFF) para a rotinização que demandaria uma forma ritualizada em gêneros.

⁵ Compõem essa amostra prontuários médicos de pacientes, cartas pessoais, cartas comerciais, receituários, termos de avaliação médica e de avaliação psicológica, questionários preenchidos por familiares ou acompanhantes. Recobre a primeira metade do século XX.

⁶ Compõem essa amostra cartas pessoais e acadêmicas trocadas recebidas pelo catedrático fundador da cadeira de Literatura Portuguesa, na FFLCH-USP, correspondente ao período que recobre a década de 30 até meados da década de 60.

⁷ Compõem essa amostra provas de concursos de professores titulares e livre-docentes, relatórios de bancas arguidoras, atas de concursos, atestados médicos e algumas provas e pareceres referentes ao século XX.

⁸ Compõem essa amostra dossiês em que se encontram relatórios de espionagem, cartas censuradas, conversas telefônicas transcritas, recortes de jornais, fotografias, dentre outros ainda não-editados. Refere-se ao século XX.

⁹ Compõem essa amostra transcrições de entrevistas, conferências, palestras, debates, outorga de títulos eméritos, mesas-redondas, reuniões de departamento em que os falantes são professores da Universidade de São Paulo ou figuras ilustres da Cidade de São Paulo.

De outro modo, pode-se trabalhar com a gramaticalização como um *processo*. Nesse caso, o pesquisador guia-se pelo comportamento individualizado do item, pelas minúcias e propriedades que permitem o contraste entre elementos de mesma categoria (padrões funcionais). Um exemplo de raciocínio nessa abordagem seria comparar o verbo *querer* pleno que subcategoriza argumento interno, como na sentença *Eu quero esta blusa* com o verbo *querer* quase-auxiliar (eu quero falar com você) e depreender que algumas propriedades denotam graus distintos de gramaticalização. Pode-se refinar a análise e identificar tipos de codificação do argumento interno, como em: *Quero um sorvete, moço!* (o item subcategorizado é um sintagma nominal) / *Quero que você chegue cedo hoje à noite* (o item subcategorizado é uma oração). Nesse caso, lida-se com os efeitos discursivos de eventos comunicativos. A opção por um dos caminhos teórico-metodológicos pode determinar toda a diferença de respostas a que se chega, justamente porque as perguntas remetem a caminhos e fatos também diferentes.

(I) pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade
 (II) pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade
 (III) partes do corpo > pessoa > objeto > espaço > tempo > qualidade¹¹ ...

atividade processo
instrumento evento

- [illegible]

O que se espera é que toda categoria mais à esquerda seja pressuposta nas categorias mais à direita porque a derivação está implicada. Como se poderia ter um *processo* sem se ter implicada a categoria *tempo*, responsável pela dinâmica no *espaco* físico? Estudos sobre as

¹¹ Cada categoria mais à direita incorpora naturalmente a categoria mais à esquerda. O refinamento de categorias, no entanto, permite análises mais pormenorizadas quanto à ação humana e a atuação de funções mais ou menos instrumentais.

26

rotas de gramaticalização de verbos, dentre os quais cito Batista (2007) com o verbo *tirar*, têm ratificado essa inconsistência. Desse modo, concentro minha discussão no *continuum* apresentado em (3).

Como argumenta Mithen (1998), não é difícil reconhecer a rota de evolução da espécie por meio da evolução dos indivíduos em suas atividades cotidianas. Na evolução do bebê, a consciência de suas partes (mãos, pés, braços, boca, etc.) é primitiva em relação ao todo (ele enquanto indivíduo distinto de outros indivíduos; ele como um ser descolado da figura da mãe, por exemplo). Somente após ter controle sobre essas partes, terá condições de manipular objetos e dele será exigida maior maturidade para torná-los instrumentos (por exemplo, brincando e jogando coisas ao chão para outras pessoas pegarem). Com a maturidade de seus membros e de sua mente, terá condições de explorar espaços físicos distintos, mas a noção de tempo mais refinada demorará a emergir, assim como a concepção de eventos em processo. Avaliar tudo isso será uma atividade que demandará tempo maior ainda. Se meu raciocínio estiver correto, posso, então, ratificar a idéia de que *pela ontogenia é possível recuperar a filogenia*¹³. Em outras palavras, tomar como alvo de análise o comportamento lingüístico de indivíduos permitirá recolher fragmentos da evolução lingüística da espécie e, conseqüentemente, projetar rotas de evolução lingüística.

Esse percurso de evolução pode servir como subsídio para a compreensão das transformações estruturais da língua, posto que quanto maior o compartilhamento de informações, menor o material lingüístico necessário em sua codificação sintática. Se as categorias mais à direita incorporam as categorias mais à esquerda, então é esperado que a elisão de categorias segundo seu estatuto informacional [+conhecida] caminhará em sentido inverso no *continuum*: qualidade > evento > tempo > espaço > instrumento > objeto > pessoa > partes do corpo. Em outras palavras, o que já é conhecido e supostamente compartilhado em situação interativa é elidido da seqüência sintática. Recuperamos, para esta ilustração, um dos exemplos mais citados nos textos sobre gramaticalização. Trata-se da mudança sofrida pelo verbo *ir*:

(17) Vou à padaria (para) comprar pão.

(18) Vou ao cinema (para) assistir a um filme.

(19) Vou à faculdade (para) estudar.

(20) Vou ao açougue (para) comprar carne.

O que há de comum nesses exemplos? O emprego de um verbo de movimento seguido de um locativo e de um objetivo. Explicado de outra forma, temos uma ação (comprar pão, assistir a um filme, estudar, comprar carne), que só pode ser realizada ao final do cumprimento da ação expressa pelo primeiro evento, o de se deslocar no espaço físico.

Mais do que isso há duas situações, que se sobrepõem pragmaticamente, ligadas numa seqüência pressuposta na linha do tempo. Primeiro preciso me deslocar para depois realizar a segunda ação expressa. Esta representa, em relação ao locativo expresso no primeiro segmento, a ação esperada, o óbvio que deve acontecer. Assim, espera-se que quem vá à padaria compre pão, que quem vá ao cinema assista a um filme, que quem vá à faculdade estude, que quem vá ao açougue compre carne, embora se possam fazer coisas inesperadas nesses lugares e, nesses casos, não há como pressupor ou inferir. Enfim, no caso focalizado de mudança lingüística, as ações contidas no segundo segmento são altamente pressupostas.

Podemos questionar, neste momento, a motivação para que um verbo pleno de movimento se tornasse um auxiliar.

¹³ Essa idéia foi proposta originalmente por Haeckel, no século XIX, mas a base desse desenvolvimento está em Aristóteles e equivale a afirmar que “as fases do desenvolvimento mental na criança refletem as fases da evolução cognitiva dos nossos ancestrais” (MITHEN, 2002[1996]:59).

Já em Meillet (1965[1912]), com estudos históricos sobre o francês, havia o reconhecimento dessa fluidez e dinamicidade derivacional entre verbos plenos e verbos auxiliares. Mostrou, em seu trabalho, que o verbo *ir* passava por mudança categorial, tornando-se um marcador de tempo futuro no francês (*je vais parler*, por exemplo, em que o verbo *ir* tornava-se um auxiliar). A esse processo Meillet nomeou *gramaticalização*.

Heine, Claudi & Hünemeyer (1991b), retomando os estudos sobre gramaticalização numa versão translingüística voltada às línguas africanas, mostrou que a passagem de um verbo pleno a auxiliar era bastante comum nessas línguas. Ratificaram, em consequência, as idéias de Meillet.

Anos mais tarde, voltando-se para o estudo específico da categoria verbal, Heine (1993) mostrou que esse *continuum* poderia ter motivações diversas e até mesmo se ampliaria da seguinte forma: pleno > quase-auxiliar > auxiliar, reconhecendo que os verbos-suporte e os verbos seriais¹⁴ seriam motivados por outras necessidades de ordem cognitiva.

Esse modelo permitiu compreender que o sintagma nominal locativo deixou de ser realizado; o resultado foi a aproximação do verbo de movimento de outro verbo que está em sua forma não-finita, permitindo que a seqüência V1+V2 fosse interpretada como uma locução verbal, em que V1 é verbo auxiliar.

Por que, então, os falantes elidem o sintagma locativo e não o evento subsequente, já que ambos são altamente relacionados em seus empregos. Por que não restou uma seqüência, como: *Vou à padaria*, suficiente para que o interlocutor inferisse a compra do pão. Por que, então, foi elidido o locativo?

A elisão, ao que parece, não está altamente correlacionada somente com a informação já conhecida, compartilhada. Um mecanismo de prejuízos de categorias concretas e altamente inferíveis está a serviço da abstratização contínua de estruturas e itens nas línguas. Assim, espaço físico (mais concreto) é descartado em favor da permanência de evento (mais abstrato).

Também pode-se responder a essa questão a partir do processamento mental. Quando se elide uma informação muito recorrente do seqüenciamento sintático é porque ela já teve um percurso histórico de uso tão freqüente que já integra a lista das experiências a serem pressupostas e inferidas nos contextos de uso. Apaga-se da sintaxe porque já está suficientemente gravada na memória do indivíduo, já é possível incluí-la como informação típica da bagagem pragmática do interlocutor também.

Uma segunda pergunta que se desdobra desse encaminhamento analítico é se a estrutura-meta ou item-meta poderia ser chamado de inovador.

Consultando as gramáticas do latim, notamos a presença dos verbos supinos¹⁵. Num simples cotejo com a gramática do latim vulgar, já se verifica a inexistência desses verbos:

El supino desapareció del uso general, siendo reemplazado desde el siglo I por el infinitivo: *cum veneris ad bibere* (San Agustín, Serm. 225, cap.4). Sin embargo, em rumano el supino se mantuvo (GRANDGENT, 1952:89)

Por que se manteria no romeno e não no espanhol ou no português? Para onde iriam as construções ou funções dessas construções quando desaparecem de uma língua, como o latim,

¹⁴ Pal (2005), Rodrigues (2006) e Bernardo (2007) analisaram verbos seriais do português.

¹⁵ Verbos supinos representam a estrutura de que faz parte um verbo de movimento, como *ir*, *vir*, dentre outros, seguido de um verbo-complemento. Havia, no latim, uma terminação específica para o supino (um), que tinha como restrição o infinitivo. Exs.: vou brincar, *eo lusum*; Vieram queixar-se das injustiças, *venerunt questum injurias*.

que foi ponto de partida para um tanto de outras línguas? Os falantes dessas novas línguas não necessitariam mais de supinos dado seu momento histórico ou essa construção verbal não seria mais reconhecida pelos falantes do português atualmente? Qual o motivo de sua substituição pelo infinitivo?

Muitas das descrições feitas até a primeira metade do século XX não se detinham de fato na função da expressão, também não havia uma teoria sobre os processos de mudança, tampouco sobre os efeitos comunicativos em seqüências sintáticas. É interessante saber que muitos dos processos hoje descritos como inovadores são, na verdade, já recorrentes desde o latim¹⁶. Na verdade, o supino, não tendo terminação própria no latim, generalizou-se na seqüência V1+V2, em que V2 é infinitivo, justamente por ser essa uma forma não-marcada no português, para manter o paralelo com a declinação nominativa do neutro adotada para o supino.

No português essa passagem semântica de movimento no espaço físico para marcação de futuro não foi direta. E mesmo esses estágios intermediários ainda são evidentes. Observemos os exemplos (21) e (22):

(21) Este é apenas um dos motivos pelos quais eu não **vou comprar** um iPod Touch. Atualmente tenho um iPod 30GB preto que tem menos de 3 meses de uso. (www.bernabauer.com/por-que-eu-nao-vou-comprar-um-ipod-touch)

(21a) ...vou [à loja] comprar um iPod...

(21b) ...vou à loja de eletrônicos [comprar um iPod]...

(22) **Vou comprar** um carro!!! Precisando trocar de carro? Veja como financiar até 72 X sem entrada. Consulte-me. Profissional qualificado e com referências. (www.quebarato.com.br/classificados/cansei-de-andar-de-a-pe-vou-comprar-um-carro)

(22a) vou [à loja] comprar um carro...

(22b) vou à concessionária [comprar um carro]...

Nos dois exemplos em (a), ainda que tenham tido, entre colchetes, o mesmo sintagma destacado, o referente de cada um remete a uma loja típica dos produtos vendidos: loja de aparelhos eletrônicos (lugar onde se compram aparelhos eletrônicos), loja de automóvel ou concessionária (lugar onde se compram veículos). Os referentes são altamente inferíveis pelo interlocutor numa situação real de uso. Com a elisão desse sintagma destacado, a idéia de intenção e desejo se manifesta mais claramente.

Nos exemplos em (b), o sintagma elidido refere-se à ação de comprar um objeto, diferentemente dos exemplos em (a), que elidem um espaço físico, categoria cognitiva mais concreta em relação à de ação/evento. Observe-se o *continuum* aqui reproduzido:

pessoa > **objeto** > instrumento > espaço > tempo > **evento/processo** > qualidade...

Note-se que *objeto* está mais à esquerda no *continuum* do que *evento/processo*. As categorias mais à esquerda remetem a representações mais concretas no mundo, enquanto as categorias mais à direita, além de incorporarem e tornarem mais pressupostas aquelas à sua esquerda, também remetem a representações mais abstratas no mundo. Assim, um *evento* permite inferir que, para que seja levado a termo, serão necessárias pessoas que manipulem objetos num determinado espaço físico num tempo estabelecido para aquele acontecimento.

¹⁶ Como demonstram muitos pesquisadores, dentre os quais cito o Grupo Gramática & Discurso (UFF), essa retomada sugere a atuação do princípio do uniformitarismo, proposto por Labov.

Logo, as categorias mais à esquerda são formalmente eliminadas dos encadeamentos sintáticos em situações comunicativas espontâneas se forem mais pressupostas (dada sua repetição em muitos eventos comunicativos com a mesma finalidade).

Observemos os seguintes dados retirados da *Demanda do Santo Graal*, edição, cujo texto-fonte foi um manuscrito do século XV (exemplos 23 a 25) e de uma elocução formal registrada pela equipe do Projeto Nunc-SP na década de 70 (exemplo 26):

(23) Ela **foi** logo pêra el e salvou-o (Demanda, p. 37)

(24) E nom andaram mujito per ela, que chegarom aa casa do ermitam que soía a falar com Galaaz. E quando el viu Lançalot ir e a donzela, logo soube que **ia** para fazer Galaaz cavaleiro (Demanda, p. 38)

(25) foram ende mui ledos, ca muito fora a festa m~eor e mais pobre, de eles i nom seerem. E el-rei **foi** entam ouvir missa aa see (Demanda, p. 45)

(26) e não **vai** se verificar se aqueles altos ansiosos..ou os baixos ansiosos...**vão** realizar ... ah:: MAIS continhas...num determinado tempo padrão... certo? E:: por exemplo se:: ... os indivíduos **vão** realizar as continhas...numa seqüência determinada (NUNC 377)

Em qualquer recorte temporário que se pretenda, a sobrevivência das camadas de mudança será reconhecida. Em (23), temos o verbo *ir* (deslocamento espacial) como verbo pleno seguido de um sintagma locativo; em (24), temos ainda um deslocamento espacial seguido, contudo, de uma seqüência de propósito (o que denotaria *intenção*, que é sempre futura); em (25), temos um verbo de movimento indicando um deslocamento em direção a um tempo futuro sobreposto ao propósito; em (26), num português culto do século XX, temos o verbo auxiliar de futuro.

Então, não se pode ignorar o fato de que, quanto mais ritualizado for um item/estrutura, mais abstratizado será, pois incorporará elementos a serem pressupostos e/ou inferidos. Esse processo de abstratização foi explicado por Bybee (2003) como fruto da alta freqüência de uso. Inspirou-se nas idéias de Haiman sobre: a) **habituação** – que resultaria da repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural de sua força e freqüência de seu significado original¹⁷; b) **automatização** (de seqüência ou unidades) – que teria como efeito o uso em bloco em determinado contexto; c) **redução da forma** – que ocorreria com o enfraquecimento e reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações; d) **emancipação** – que provocaria a passagem de funções mais instrumentais para funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico.

Alguns desses usos já antigos da língua portuguesa continuam ausentes de menções e comentários nas gramáticas escolares, talvez somente por isso sejam chamados de inovadores. Se fizermos uma incursão em Bechara (1999:231), constataremos a existência dos auxiliares acurativos, legitimamente aliados a verbos não-finitos, única exigência dos ancestrais supinos latinos:

os auxiliares acurativos se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início da ação: começar a escrever, pôr-se a escrever

b) iminência de ação: estar para (por) escrever, pegar a (de) escrever

¹⁷ Aplicando à gramaticalização, podemos afirmar que a repetição gera enfraquecimento da força semântica. Poderíamos pensar que a repetição de eventos prescinde de repetição lingüística.

- c) continuidade da ação: continua escrevendo, continua a escrever, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma
- d) desenvolvimento gradual da ação: duração,: estar a escrever, **andar** escrevendo, **vir** escrevendo, **ir** escrevendo, etc.

Parece-nos plausível afirmar que não somente o processo de auxiliarização do verbo *ir* já se deflagrara há muito tempo no português, mas, ainda, que o supino latino hoje sobrevive como verbo auxiliar de tempo futuro. Então também parece plausível afirmar que a codificação sintática de intenções, vontades e desejos dos falantes há muito tempo também sobrevive na língua. Eis um argumento suficiente para que continuemos com o trabalho de descrição da gramaticalização como processo: ver o que os olhos não podem ver sem o estímulo necessário.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. 2003. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROSO, Paulo Henrique de Oliveira. 2008. *Vias de abstratização do verbo BUSCAR no português brasileiro culto: interface entre gramaticalização e gêneros do discurso*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo
- BATISTA, Adriana. 2008. *Rotas de Gramaticalização no Português: Estruturas Tirar-Que no Português Culto de São Paulo*. Relatório final do projeto de IC, processo Fapesp 07/01331-0 (período: 01/07/07 a 30/06/08) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.
- BECHARA, Evanildo. 1999. *Moderna Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BERNARDO, Kelly Viviane. 2008. *Estruturas serializadas no português do Brasil: a gramaticalização de VIR e VIRAR e sua identificação como verbo serial*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo
- BYBEE, Joan. 2003. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. Disponível em <http://www.unm.edu/~jbybee/mechhofchng.htm>, acessado em 20/06/2006
- _____, PERKINS, Revere e PAGLIUCA, Willian. 1994. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago / London: The University of Chicago Press, pp. 09-26.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. 2006. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: Tânia Lobo; Ilza Ribeiro; Zenaide Carneiro. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro. Novos dados, novas análises*. 1a. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, v. 6 (1), p. 223-296.
- _____, & PRETI, D. (orgs.) 1986. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo/Campinas: FAPESP/TAO.
- DEFENDI, Cristina Lopomo. 2008. *A reduplicação no português culto falado em São Paulo: possível gramaticalização?* Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo.
- GRANDGENT, C. 1952. *Introducción al latín vulgar*. Espanhol. Publicaciones de la revista de filología española.

HARRIS, Alice C. & CAMPBELL, Lyle. 1995. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike e HUNNEMEYER, Friederik. (1991a) From Cognition to grammar – evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, Elizabeth & HEINE, Bernd (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Volume 1: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. (pp. 149-188)

_____. 1991b. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University Press.

HEINE, Bernd & KUTEVA, Tânia (2002). *World Lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1991. *On some principles of grammaticization*. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, Bernd. 1993. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

LABOV, William. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University Press.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia Pereira. 2005. *A interface Sociolinguística / Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento. Campinas: Unicamp.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (2008) *Gramaticalização de estruturas x-que no português do Brasil*. Texto apresentado no XV Congresso Internacional da ALFAL. Montevideu (inédito).

MAGNE, Augusto. (1944) *A Demanda do Santo Graal*. Volume I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & RODRIGUES, Lucilene. 1996. Gramaticalização de *então*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro (pp. 221-236).

MEILLET, A.. *L' évolution des formes grammaticales*. 1965[1912]. In: A. MEILLT. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion.

MEYER, Philippe. 2002[1997]. *O olho e o cérebro*. São Paulo: Editora da Unesp.

MITHEN, Steven. 2002[1996]. *A pré-história da mente*. São Paulo: Editora da Unesp.

NOGUEIRA, Priscilla de Almeida. *Rotas de Gramaticalização no Português do Brasil: a estrutura meio que*. Projeto de Pesquisa CNPq, 2007. São Paulo: Programa de Filologia e Língua Portuguesa/ USP (texto inédito).

PAL, Dayane Cristina. 2005. “*Aí fui inu, fui inu, aí eu peguei arrumei uma casa no capoava lá.*” *Construções seriais em português brasileiro: estudo com dados da comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/ SP*. Dissertação de Mestrado em Linguística. São Paulo: Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Angélica Terezinha. *Aí eu peguei e fiz esta tese – as construção foi e fez no português carioca*. Tese de doutoramento. Campinas: Unicamp, 2006.

SARTIN, Elisangela Baptista de Godoy. 2008. *Gramaticalização de combinação de orações: estrutura para+infinitivo no português*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua

Portuguesa). São Paulo: Programa de Filologia e Língua Portuguesa/Universidade de São Paulo.

SPAZIANI, Lídia. 2008. *A gramaticalização do item fora no português do Brasil: a unidirecionalidade do processo*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – São Paulo: Programa de Filologia e Língua Portuguesa/Universidade de São Paulo.